



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume I, edição VII

Outubro de 2010

Nesta edição:

O Mito de Eros e Psiquê 1

Carta a Lord Byron por Fabre D'Olivet 10

Contos Espirituais 24

O Mito de Eros e Psiquê

Personagens

Eros e Psiquê, respectivamente, são entidades mitológicas que personificam o Amor e a Alma. No idioma grego éros significa "desejar ardentemente", desejo incoercível

(irreprimível) dos sentidos, e parece derivar do verbo éras-thai, que, por sua vez, quer dizer estar inflamado de amor. Sua genealogia é uma das mais ricas e complexas, talvez pela própria dificuldade que encontramos

quando tentamos definir e expressar esse sentimento elevado que é o amor. E alma forma-se a partir de psykhein, cujo sentido é o de "sopro de vida". Psiquê era a personificação da alma, geralmente representada por uma figura feminina, mais menina do que mulher, com asas de borboleta. As crenças gregas populares concebiam a alma como uma borboleta. Estão aí as raízes do significado simbólico da borboleta

como *indício de transformação*. Psiquê simboliza o princípio de **alma**, a qualidade da **vida que se transforma**.

Afrodite era, no momento de seu nascimento, uma jovem com longos

e fartos cabelos negros, onde a nudez representava a ausência de dissimulações, a intimidade de pura. Os longos cabelos negros, são o símbolo do luto pela castração de Urano, indicador da necessidade de mecanismos represores para que a paixão não chegue à bestialidade,



pois se entregar ao amor bestial é como caminhar no negror da noite. Simbolizam também a força do Amor; a abundância dos sentimentos, impulsionando o indivíduo para um relacionamento. A água de onde emergiu Afrodite, representa o reino da emoção profunda e das reações aos sentimentos. Por sua própria natureza, os sentimentos são parcialmente inconscientes. Por mais límpida que seja a água, a sua transparên-

cia não é perfeita, produz imagens distorcidas. A água é submissa, mas conquista tudo. Ela conquista submetendo-se, nunca ataca, mas sempre ganha a última batalha, cede passagem para os obstáculos com uma humildade enganadora, pois nenhum poder pode impedi-la de seguir o seu caminho traçado rumo ao mar.

Afrodite derramava nas coisas da natureza toda sua alegria de viver, ao mesmo tempo em que atuava de modo temível, pois podia preencher os corações dos humanos com o frenesi (Frenesi: entusiasmo delirante, excitação, arrebatamento) da paixão (Paixão: sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão). Deusa do Amor em todos os aspectos, desde o mais puro até o mais bestial, foi uma deusa complexa. Por ter duas tradições de nascimento, ora manifestava o amor puro, ora o amor vulgar e carnal (paixão). Representava a essência da beleza feminina, onde tudo irradiava encanto e harmonia, contudo, conseguia também ser ciumenta, fútil, traiçoeira, preguiçosa e vingativa. Todos aqueles que Afrodite escolhia como vítimas eram quase sempre infelizes, pois por causa dela, abandonariam e trairiam a própria família (abandonariam, trairiam e transgrediriam valores mais enobrecidos, cegos pela paixão). Afrodite manifestou seu ciúme de modo que se afastassem de Psiquê seus pretendentes a casamento, desse modo ela foi ficando sozinha, sem que nenhum homem a quisesse como esposa. A solidão de Psiquê não aplacou o despeito de Afrodite, que ordenou que seu filho Eros, deus da força fundamental do mundo, o Amor, matasse Psiquê. Porém, Eros ao conhecer Psiquê apaixonou-se perdidamente por ela, trazendo como força fundamental para a Humanidade a promessa de que o Amor, ao se entregar plenamente à Alma e tomando conta dela, tem, essencialmente, como resultado, a recuperação do sopro de vida, a revitalização dos processos de Vida.

A lenda de Eros e Psiquê é, na realidade, a história da evolução e do amadurecimento dos sentimentos, e da capacidade do indivíduo de se relacionar com outra pessoa. Essa é uma aventura específica que gira em torno do tema central do coração. À medida que a pessoa amadurece ela amplia a capacidade de escuta empática, de atenção positiva incondicional e a própria congruência, diversificando quase infinitamente os recursos que lhe permitem a auto realização.

A Fábula

Psiquê era uma princesa cuja beleza era de tal ordem que a deusa Afrodite sentiu-se de tomada de ciúmes dela. Por esse motivo, ordenou, que o filho Eros, o deus do Amor, servisse de instrumento para punir tamanho atrevimento por parte daquela mortal. Quase ao mesmo tempo, o oráculo ordenou ao pai de Psiquê, diante de ameaças assustadoras, que conduzisse a filha para junto de um rochedo, onde um monstro horrível a tomaria como esposa. Eros, porém, descuidando-se com suas flechas, acabou ferindo-se com uma delas. As flechas de Eros eram usadas com o propósito de fazer as pessoas por elas atingidas se apaixonarem subitamente, não escapando de seu veneno nem mesmo os deuses imortais. E assim, Eros se apaixonou pela moça a quem deveria destruir por ordem da mãe.

Eros ordenou que Zéfiro, o vento oeste que personificava o céu estrelado, trouxesse Psiquê para seu palácio. Por ser uma divindade, Eros se apresentava invisível aos olhos físicos da mortal Psiquê, mas esta, com sua sensibilidade e romantismo, aceitou e se enamorou do pretendente, mesmo sem vê-lo e sem conhecer a sua identidade, confiando e se entregando aos seus cuidados, seguiu cegamente apenas o que as emoções pediam a ela. Mas Psiquê sentiu saudades dos familiares (ou da concretude do mundo físico), sentindo-se novamente solitária, sem os seus iguais, os seres físicos como ela. Eros, não conseguindo

dissuadir Psiquê, novamente encarregou Zéfiro para levá-la à terra de seus familiares. Ao encontrar com suas invejosas irmãs, esta convenceram Psiquê a conhecer o misterioso esposo, despertando nela a dúvida e a necessidade de conceber a realidade e a verdade através da verificação experimental, sensorial e aparentemente objetiva, orientada pela curiosidade, inveja e desrespeito. Psiquê, com esta decisão, iria contrariar o pedido de Eros, de que nunca procurasse ver as suas feições. Ao buscar a comprovação objetiva de quem era seu esposo, por infelicidade da sorte, ao realizar tal verificação, Psiquê ficou tão encantada com a beleza de seu esposo, deixando cair no rosto de Eros adormecido, um pouco do óleo quente que alimentava a luz de sua lâmpada. Eros despertou cheio de dores, dores físicas provocadas pela queimadura, dores morais provocadas pela desobediência e traição de Psiquê à promessa, dores afetivas com a ingratidão e crueldade dela. A busca do conhecimento objetivo, para honrar a objetividade e a curiosidade de um outro, e não daquela que investiga, faz com que o investigador cometa atos que podem ferir a integridade da pessoa investigada e de si mesmo; seria isto um conhecimento verdadeiramente objetivo? Enraivecido e magoado, Eros abandonou a esposa. Psiquê saiu errando pelo mundo, em busca do amor perdido, implorando ajuda a todos os deuses, mas nenhum deles quis ajudá-la, pois ela incorrera no grave erro de, sendo uma mortal, casar-se com uma divindade, sem pedir o consentimento deles. Mas como a mortal Psiquê poderia reencontrar seu amado deus Eros? Mas como transpor o abismo que separa o humano do divino?



Apenas Afrodite, a deusa do amor ambíguo, a acolheu, não para ajudá-la, mas para se vingar de Psiquê, que conquistara o coração de Eros. Prometendo facilitar a conciliação entre Psiquê e seu filho, Afrodite deu-lhe tarefas tão difíceis, que Psiquê ia cumprindo com a ajuda de divindades compadecidas do seu amor impossível. Mas Psiquê, novamente não resistiu à busca da objetividade para satisfazer sua curiosidade, e, no caminho de volta dos infernos, abriu a caixa e caiu num sono profundo. Eros, desesperado de amor e saudades, se pôs a procurá-la, com isto mostrando que o arrependimento, além do amor, também é uma força fundamental à humanidade; foi encontrá-

-la entregue ao sono mágico. Despertou-a com um adejo de asas, levou-a ao Olimpo e suplicou a Zeus para desposá-la. Zeus, comovido com o sofrimento de ambos, permitiu o casamento deles e ainda ordenou que Afrodite se reconciliasse com Psiquê e concedeu à bela moça a imortalidade, ou seja, a promessa de que a humanidade pode evoluir através do amor dedicado.

O Mito Interpretado

Este mito de Apuleio nos trás o momento arquetípico em que o amor entre um homem e uma mulher (mortal) pode vir a ser **transformado**. É a passagem do amor inconsciente, do estado paradisíaco da paixão, em algo sagrado pelo qual vale a pena lutar e transformar. Um amor de Self, que, a partir de Psiquê, por sua jornada heróica a caminho da individuação, transforma-se em amor humanizado, duramente trabalhado.

Este mito traz uma grande e importante alteração na forma de amar. Antes de Psiquê, ou seja, da alma se relacionar com o amor, este reino pertencia somente a Afrodite, que pro-

piciava as uniões pelo desejo físico e pela necessidade de procriação. Afrodite é caprichosa, e junto com seu filho Eros, também infantil e caprichoso, deixavam deuses e mortais literalmente sob seu jugo, sem possibilidade nenhuma de qualquer ação ou reação.

A partir de Psiquê, a alma, ou seja, nossa Psiquê, é ativada e passa a fazer parte integrante deste mistério. Só que agora não mais de forma passiva, não mais como meros espectadores das tragédias amorosas humanas, mas como participantes ativos, na transformação do próprio destino. A alma infantil, a ingenuidade inata de Psiquê, será transformada. Trata-se de um momento trágico em que toda alma assume o próprio destino.

Afrodite, acostumada a ter poder absoluto no seu reino, não acredita que uma alma mortal seja capaz de sobreviver, lutar e transformar o destino a ela imposta. Antes de Psiquê, isto jamais havia acontecido. Os humanos eram mesmo joguetes nas suas mãos caprichosas. Por isso, é tão grande a ira de Afrodite sobre Psiquê. A Alma muda o curso da nossa vida por cumprir as suas quase impossíveis tarefas.

Antes de Psiquê, os demais heróis da mitologia agiam todos por motivos de ordem patriarcal: poder, conquista, civilização, cultura, etc. Psiquê é a ordem do amor pelo amor. Cumprindo as tarefas propostas, ela mesma sem saber como, transcende os limites impostos aos mortais e vai abrindo e ampliando possibilidades antes totalmente impossíveis. Nos estados iniciais do mito, reinava o estado urobórico e pleno do êxtase, que, por vezes, permitem aos deuses experimentar e gozar (por merecimento ou castigo). O estar apaixonado é a visitação de uma energia dividida. Isto sempre ocorreu, ocorre e ocorrerá; a diferença é que com Psiquê tem-se a oportunidade de ir além desse "capricho divino".

Eros, apesar de ser o mais poderoso deus,

estava sob aparência de um jovem rapaz, ainda longe de ser um homem maduro. Psiquê, por sua vez, "a que nasceu de uma gota de orvalho", era tão frágil, como inocente e infantil. Ambos assim teriam permanecido, não fosse o choque da Luz da Consciência, ativado pela desconfiança e medo. Essa revelação trouxe tanto a sombra da separação, do abandono e da desolação, quanto a possibilidade real de individuação pelo amor, para o amor e por amor.

Psiquê foi a primeira mortal que se relacionou intimamente com um deus e conseguiu sobreviver, transformar-se e ainda transmutar a própria divindade. Afrodite também sai transformada, Eros amadurecido e o Olimpo todo comemora esse momento de vitória e comunhão entre deuses e mortais.

Psiquê é o ser arquetípico que nos redimiu da aceitação passiva do nosso destino. Ao iniciar sua jornada solitária, Psiquê pensa primeiro em morrer, pois nada mais tem sentido na vida para ela, depois da experiência luminosa dos encontros com Eros. Quando a alma é atingida por uma experiência arquetípica, desestrutura-se. E Psiquê desestruturou-se ao ponto máximo de desejar a morte, mas as águas do rio da morte não a aceitaram e a transportaram de volta para a margem. Num segundo momento, Psiquê pede ajuda a todos os deuses, em todos os templos que pode. Chega a Deméter, a grande mãe, mas esta se recusa a atendê-la. Pede em seguida ajuda a Hera, a deusa do casamento, mas essa também se recusa (Psiquê ainda não está pronta para o casamento). A individuação de Psiquê será introduzida pela mesma caprichosa divindade que a queria cativa: Afrodite, a deusa do amor. Sendo assim, Psiquê vai em busca de sua senhora e se entrega submissa para que se cumpra o destino. "Arremessa-se aos pés da deusa chorando copiosamente, molhando suas sandálias, varrendo o chão com os cabelos". Afrodite, furiosa duas vezes, uma por ciúme de Eros, outra por ver uma mortal desafiando os limites

a ela impostos, chama as suas duas criadas, Inquietação e Tristeza, e entrega-lhes Psiquê para que estas a torturem. Em seguida exige-lhe o cumprimento de diversas tarefas, com a promessa de que após seu correto cumprimento, lhe permitiria reencontrar-se com Eros.

A Primeira tarefa consiste na separação dos grãos. Essa é a tarefa em que Psiquê tem de aprender a discriminar, separar. Ela, confusa e entorpecida, precisa para essa tarefa, calma, paciência e determinação. Um trabalho manual pode, nessas horas de desespero e aflição, ser o calmante organizador no mundo concreto. Sem forças para executá-lo, ela no entanto o faz, pelo serviço autônomo do inconsciente, representado pelas formigas. Dessa primeira tarefa, Psiquê adquire a habilidade do **Discernimento**. Da mesma forma, precisamos aprender a separar e classificar nossos sentimentos. Por exemplo, diante de incertezas, precisamos distinguir quais são legítimas e quais são frutos da nossa insegurança. Diante de muitas tarefas, precisamos distinguir quais são as prioritárias. Diante da necessidade de uma decisão, precisamos distinguir o que é pertinente do que não é. Para classificar sentimentos precisamos analisá-los e não nos deixar levar por eles.

A segunda tarefa é retirar flocos de lã de ouro dos selvagens carneiros que vagueiam as margens de um rio. Atirar-se a essa tarefa sem pensar, teria sido o fim de Psiquê, pois os ferozes carneiros representam a agressividade contida, primitiva e inconsciente, que se escondem sob seus pelos. Psiquê tem que



entrar em contato com esse aspecto da agressividade instintiva, sem contudo dilacerar ou ser dilacerada por ela. Os caniços da margem do rio avisam para que deixe o sol cair, e então os carneiros estarão mais calmos e apaziguados, e deixarão naturalmente flocos de lã enroscados nos galhos. O caniço representa um modo masculino, mas ao mesmo tempo feminino e flexível de lidar com a agressividade. Espera a hora em que o tempo esfriar, não se expõe com os ânimos exaltados e muito quentes. E assim ela cumpre a segunda tarefa. Esta segunda tarefa lhe dá a

habilidade da **Criatividade**. Psiquê sabe que pode ser morta se chegar perto deles e mais uma vez não acredita que conseguirá realizar sua tarefa. Quando deixa de se desesperar, Psiquê segue o conselho dos caniços e observando os carneiros de longe percebe que eles costumam se coçar esfregando-se nos espinheiros. Psiquê então espera o anoitecer e quando os carneiros se afastam, ela calmamente colhe os fios dourados que ficam presos aos espinhos. Assim, Psiquê aprende a examinar situações e a perceber oportunidades mesmo naquilo que aparenta ser

difícil. Psiquê percebe que a melhor saída nem sempre é o confronto, ou o que parece óbvio. Com criatividade, novas alternativas se tornam visíveis.

A terceira tarefa é a de buscar a água da vida num alto penhasco, que desemboca no rio Estige, inacessível. A vida, que é a passagem para a morte, a adverte: "sai daqui; o que fazes, presta atenção, acautela-te, foge, tu morrerás". "...Petrificada de horror, Psiquê já está com seus sentidos amortecidos; fica

inteiramente inerte, sem sequer poder chorar, o que seria um consolo. Mas, aos olhos da criação, não escapou o tormento dessa alma inocente, pois a águia predileta de Zeus, aquele que tudo vê, resolveu socorrê-la" Quando fazemos o que podemos, os deuses fazem o que não podemos - diz um ditado popular - e, assim, Psiquê é ajudada pela divindade que tudo vê. Ao fim da terceira tarefa, Psiquê adquire a habilidade da **Visão Sistêmica**. Para chegar perto da água, Psiquê precisa pisar no musgo, portanto ela pode facilmente escorregar e cair. Assim, a tarefa de encher a jarra também parece impossível. Mas eis que a águia vem em sua ajuda. Ao observar o voo da águia, Psiquê depara com o topo da cascata, onde não há musgos e é, portanto seguro para encher a jarra. A águia simboliza a habilidade de ver a paisagem de uma perspectiva distante para poder escolher o ponto mais adequado para a ação. Assim como a águia que no seu voo vê o todo, temos que ver o todo de uma situação antes de agir.



Os mitos costumam ter três tarefas, mas Psiquê recebe ainda uma **quarta tarefa**, representando no quatro, a totalidade: ir direto à morte, ao reino de Hades pegar a poção da beleza imortal com Perséfone. Psiquê compreendeu que nada mais restava, que só a morte a esperava nessa missão sem volta. Foi então, novamente, de encontro à morte, indo se jogar do alto de uma torre. Então, a Torre a orienta a como entrar e sair viva dessa última tarefa. A Torre representa uma construção humana na direção da divindade; é um sistema de idéias, de pensamentos religiosos, de ritos e preceitos que nos aproximam do divino. É a sabedoria humana acumulada em prol do bem maior da humanidade. E ela dá as instruções

à Psiquê, através da clarividência e da receptividade com que Psiquê se propõe. Ela então segue corretamente passo a passo as instruções internas. Entre as várias recomendações, é dito para que ela não se distraia e não ajude ninguém, por mais piedade que ela venha a sentir. A fraqueza vem do fato de sentir pena indevida, sempre que solicitada. Nesta última tarefa, Psiquê adquire a habilidade do **Foco**. Além do medo do mundo subterrâneo, Psiquê sabe que no caminho encontrará diversas pessoas que lhe pedirão ajuda, tentarão dissuadi-la de realizar a tarefa ou simplesmente dificultarão seu trabalho. O grande desafio de Psiquê é estabelecer um objetivo e manter-se fiel a ele. Algumas vezes

Psiquê diz não às pessoas que a interpelam, outras vezes Psiquê as atende, mas nunca deixa de priorizar suas metas. Assim, ela chega ao mundo subterrâneo, recebe a caixa da deusa e cumpre, portanto, sua última tarefa.

Através da realização das quatro tarefas, Psiquê desenvolve capacidades e forças. Ela agora está preparada para realizar seu sonho, que é encontrar-se com Eros. O mais importante é que Psiquê embora ainda sendo mortal, adquiriu discernimento, criatividade, visão sistêmica e foco, e sabe que está capacitada para seguir adiante. Psiquê cumpre à risca todas as recomendações, e ia saindo vitoriosa, não fosse seu lado humano. Ela se perde então pela vaidade e abre a caixa da poção da beleza imortal, que é a própria morte. Psiquê precisa morrer para a sua preocupação pueril e narcisista para com a sua beleza e aprender algo do submundo. O narcisismo é uma das portas de entrada para o mundo físico. É por essa porta que Narciso se perde, mas também se encontra nas profundezas. É uma etapa transformado-

ra e decisiva na individuação. O que eterniza e imortaliza a beleza é a morte, pois a vida traz inexoravelmente o envelhecimento, e retira a beleza externa. Psiquê cai no sono da morte e isso mobiliza Eros, que vem cumprir no final o seu papel de herói. O que o faz sair da passividade regressiva do reino materno de Afrodite, é a consciência de perder para sempre Psiquê. O fracasso de Psiquê é, ao mesmo tempo, a sua redenção, uma vez que a fraqueza da mulher amada mobiliza o crescimento do homem. Eros a pega no colo e pede a Júpiter piedade. O deus o atende, feliz por ver o jovem de temperamento volúvel, comprometido e humanizado com sua alma.

Assim, Eros realiza um segundo casamento com Psiquê, abrindo novos horizontes e possibilidades para o Amor. O resultado dessa união é a filha Volúpia, que representa o êxtase maior, na conjunção do divino humanizado e do humano divinizado. A grande obra alquímica que resulta desse encontro é o alcance do processo de individuação através do comprometimento amoroso. O grande final não é conseguido por mérito nosso, mas pela dádiva, ou Graça Divina. "Era Ele que se disfarçava de formiga, junco, águia, torre e me conduzira pelo caminho..." Finalizando o mito, eis a oração recitada por Psiquê:

"Olha sempre para o olhar salvador (do amor),
tão conrito e delicado
agradece a habilidade celestial
de poderes te transformar
põe-te a serviço dela,
donzela, mãe, rainha,
todos os teus sentidos
ó, Deus, tende piedade..."

O Mito na Astrologia

Na Astrologia, enquanto o ascendente representa a autoconsciência, o descendente é a complementação, o ocaso da alma, é a consciência do outro. O descendente ou terceiro

quadrante, ponto cardeal, é iniciado pela Casa VII. Aqui, inicia-se a aprendizagem da complementação, a sabedoria de que não estamos sós, que o outro pode ser o nosso espelho e que muito sobre nós mesmos poderá ser compreendido através dos contatos, dos relacionamentos, das sociedades, dos casamentos. Casamento entende-se qualquer relacionamento baseado em compromissos mútuos, contraído legalmente ou não. Embora seja mais conhecida como a casa do casamento, é também curiosamente indicada como a "Casa dos inimigos declarados". A Casa VII representa o encontro do homem com o Sagrado, na medida em que ele se desvencilha da prisão de "sua vontade" e passa a perceber que existe algo divino nos encontros dessa existência, e de que nada acontece por acaso, mas sim, por acaso. Os encontros que acontecem são "colocados" em nossas vidas como se fossem provações, exercícios para unir a nossa alma, que é bastante fragmentada, através de uma outra história de natureza mais transcendental, definitiva em nossas vidas. Se isso não for visto numa relação, perderemos não só a relação, mas a possibilidade de crescer nela e com ela. Assim como o Sol, em sua natureza, tem que se pôr para que a noite nasça, as pessoas também necessitam se retirar por um momento para dar espaço ao outro. E na hora que esse Sol se põe, nós, que surgimos com ele na Casa I, no momento do nascimento, teremos que se pôr com ele, também. O caso é que nós não estamos acostumados com as trevas, a sair de cena e deixar que o outro ou uma outra coisa brilhe em nosso lugar e ocupe o centro. Aqui é bom ficar claro a importância de se pôr. Se pôr significa deixar de fazer determinada coisa que queremos e fazer aquilo que o outro prefere. Claro que o casamento perfeito é aquele em que o outro faz o mesmo. Todos temos uma Casa VII, logo, todos têm o seu momento de se pôr, e quando isso não acontece, vêm as frustrações e as insatisfações, seja no nível emocional, afetivo, profissional ou de amizades.

Se retirar do centro significa anular sua vontade para atender o que for necessário em benefício do outro. É esquecer os próprios desejos e vontades e priorizar o assunto alheio, entrar em ocaso, deixar que algo ou alguém brilhe em nosso lugar enquanto ficamos nos bastidores. Assim, extrairemos de cada relação o que ela pode nos dar, com espontaneidade e naturalidade, de acordo com o equilíbrio da Vida. Afinal, relacionamento significa equilíbrio. Na "Casa do Outro" devemos esvaziar nosso egocentrismo e de uma forma prática e harmoniosa, deixar que os outros brilhem. Dar o que temos para dar, em vez de cobrar aos que não tem o que nos oferecer e receber dos que tem com satisfação. A casa VII representa Eros, deus da emoção, oposto à Psiquê, representante da razão, da Casa I. Segundo a mitologia, Eros chega na calada da noite e foge antes do Sol raiar para que Psiquê não o veja. Só existe uma maneira de perceber Eros: colocar para fora o excesso de individualidade, de sol presente que a s tem na vida. Só esvaziando o ego é que se abrirá um espaço para conhecer a energia de Eros. Para isso, não é necessário criar novas relações e sim trabalhar as que já existem.

Com isso, aprenderemos a "prender" o Eros em nosso cotidiano, seja dia ou noite. Colocando o outro e as relações importantes que fazem parte da nossa vida no centro. Com justiça e equilíbrio estamos aptos a ir recebendo de cada coisa ou pessoa o que cada um tem para dar.

O Amor

Mas, afinal, o que vem a ser, em essência, o amor? Mesma pergunta fazia-se Sócrates, sábio grego, durante um banquete, há 2500 anos. Platão subordina Eros/Amor ao Logos/razão. É a busca do Bem e da Beleza que se desvincula do efêmero na busca do essencial. ("amor platônico"). Santo Agostinho afirma que "O amor é bom se é por amor de Deus, ou mal se é amor humano" e Santo Thomás de Aquino nos diz que "nenhuma virtude é verdadeira sem a caridade", sendo aqui Caridade igual a Amor. Madame Guyon conclui que "O verdadeiro amor é o amor puro (o amor por ele mesmo) o oposto é o amor-próprio".



Normalmente se pensa no amor como um sentimento único, uma meta a ser atingida num futuro remoto. Entretanto, o amor é multifacetado e apresenta-se em diversos níveis, estando ao alcance de todos os seres. Entre os animais, a fêmea que zela pelos filhotes, tendo unicamente o instinto como fio condutor, pratica um tipo de amor. Os animais gregários estabelecem esquemas de defesa mútua, baseados ainda nesse nível de amor primário. Todos os sentimentos mais elevados tais como a

amizade, simpatia, consideração, generosidade e altruísmo, são manifestações desse amor multifacetado.

Jesus amou incondicionalmente a humanidade e igualmente a todos, exercendo o Amor-síntese, só possível a uma criatura que reúne em si todas as Virtudes. Não parece razoável buscar o amor Crístico sem antes nos exercitarmos nos níveis menores do amor, praticando-o nas pequenas coisas ao ponto de, como São Francisco de Assis, integrar-se no

Todo chamado o sol, a lua, as estrelas, as águas e o fogo de irmãos. Deveremos ainda lutar contra o exagerado egocentrismo, tão profundo e comum como há dois mil anos. Este é o trabalho do tempo e da vontade individual.

"Ama a teu próximo como a ti mesmo". Esta é a tradução geralmente aceita do versículo. Como resultado, freqüentemente indaga-se: "Como as pessoas podem sentir por outros o mesmo amor que têm por si mesmas? Não é uma exigência irreal?" Se, entretanto, examinarmos mais cuidadosamente o original em hebraico, a dúvida desaparece. A Torá declara aqui uma definição de "Amor": a sensação ou experiência de amor é quando se deseja a outro o mesmo que se quer para si. Aquilo que algumas pessoas consideram amor pode não ser mais que amor próprio. Podem "amar" alguma coisa porque isso satisfaz suas necessidades, mas quando o objeto do amor não pode satisfazer este desejo, ou a própria necessidade se extingue, o amor se evapora (o que na verdade era Paixão, não Amor). O verdadeiro Amor não é egoísta, mas um ato de doar. Amamos apenas quando o desejo de agradar a outra pessoa é tão intenso quanto o de agradar a nós mesmos. Tal atitude exige sacrifício, porque talvez tenhamos de nos privar de algo para dar aquilo que agradará a outros. Enquanto crianças, somos egoístas, ao amadurecer deveríamos desenvolver um amor espiritual, bastante diferente daquele amor físico infantil. Este amor espiritual dirigido ao próximo pode fazer frente a todos os desafios. Como diz o Cântico dos Cânticos (8:7): "Mesmo as águas abundantes não podem extinguir o verdadeiro amor."

São Paulo talvez tenha nos dado a visão mais abrangente e forte do Amor e de sua importância na nossa vida, em sua carta aos Coríntios, quando nos diz:

"Ainda que fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine".

"Ainda que tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e todas as ciências; ainda que tenha tamanha fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei".

"E ainda que distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará".

"O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

"O amor jamais acaba. Mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas cessarão; havendo ciência, passará. Porque em parte conhecemos e em parte profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, o que então é em parte será aniquilado. Quando eu era criança, falava como uma criança. Quando cheguei a ser adulto, desisti das coisas próprias de criança. Porque agora vemos como num espelho, obscuramente, e então veremos face a face; agora conheço em parte, e então conhecerei como sou conhecido. Agora, pois, permanecem a Fé, a Esperança, e o Amor. Estes três. Porém, o maior deles é o Amor."

1ª Epístola Aos Coríntios

"O Amor nunca falha e a vida não falhará enquanto houver Amor. Seja qual for sua crença, ou sua Fé, busque primeiro o Amor. Ele está aqui, existindo agora, neste momento. O pior destino que um homem pode ter é viver e morrer sozinho, sem amar e sem ser amado. O poder da vontade não transforma o

homem. O tempo não transforma o homem. O Amor transforma.”

“O Dom Supremo”

Henry Drummond

Não há sentido em viver pelas glórias e atrativos mundanos. Ao final de tudo, somos apenas folhas secas que o vento arrasta para sempre. Nossas lembranças são varridas e nossos vestígios apagados definitivamente. Aquele que morreu sem ter buscado a elevação espiritual, perdeu sua oportunidade de reconciliação e regeneração. O único que levamos conosco para a eternidade são as virtudes interiores, das quais a maior é o Amor a Deus e conseqüentemente à nossos semelhantes. A grande maioria ama as riquezas, o luxo e os bens materiais. Essa é sua

paixão. Sabotam, profanam e assassinam o Amor. Apenas as almas elevadas, aquelas que cuidam, em vigília constante, do Santuário do Coração são capazes de atingir o Amor supremo e verdadeiro. Está escrito: "Deus é Amor". Esse sentimento inexplicável provém das profundidades do “Eu” mais distante dentro de nós mesmos. Quando o misterioso sentimento é cultivado até alturas inimagináveis, Deus se manifesta através do homem: fala por sua boca e se expressa por seus atos. O único caminho possível para a santidade e a castidade é o do Amor Universal.

Referências

- Bíblia de Jerusalém
- O Dom Supremo – Henry Drummond
- Diversos sites sobre Psicologia, Mitologia e Religião.

Carta a Lord Byron por Fabre D'Olivet

Esta carta é o prefácio que Fabre D'Olivet escreveu para a obra teatral Cain, um Mistério Dramático em Três Atos, de Lord Byron

Apresentando os motivos e os propósitos deste trabalho

Meu Lord,

A brilhante reputação poética que tens adquirido, que já percorreu toda Europa, não tardou a chegar até mim. Ainda que absorvido em trabalhos literários de outra natureza que a sua, não estou tão distante assim das belas-artes que eu amei e cultivei em minha juventude, para não saber que Lord Byron é o principal poeta inglês, e que ele alcançou, pela força e originalidade de seu gênio, o ce-

tro de “poeta entre os poetas” entre todas as nações européias. Todavia, apesar desse brilho, luzes indiretas e transitórias que sempre vem me tocar no mais íntimo de meu retiro, eu admito que não estava confortável com vossas obras. Eu as encarava como meramente poéticas, e supunha encontrar nelas, como podemos encontrar na poesia moderna em geral, apenas formas literárias mais ou menos pretensiosas, mais ou menos afetadas por um tipo de pesquisa e trabalho nos quais eu não estou mais interessado.

Eu deixei a carreira poética no mesmo instante em que entraste. Retirei-me cansado com as perpétuas descrições de imagens que lia. Julguei que existia o suficiente destas sobre assuntos tais como: o sol e a lua, as flores da primavera, as frutas do outono, a quietude das aldeias, o cuidado com os rebanhos, a glória e a vitória, amores e dias maravilhosos, armas e alarmes, tempestades nos

mares, filhos do deserto e milhares de outras coisas maravilhosas que a rima introduz incessantemente para a grande variedade dos poetas (o autor faz um jogo entre palavras que rimam no texto original em inglês). Eu estava bem entediado, devo admitir, com as sempre repetidas representações dessas mesmas paixões, sempre expressadas nos mesmos termos. Nossos poetas, obrigados a unir as mesmas rimas e a introduzir as mesmas imagens, terminaram me persuadindo de que a poesia moderna, pronta a ser enterrada sob a sua própria produção, pode apenas se arrastar para fora de sua própria opressão, por meio de um esforço imenso. Eu acredito que, sobretudo

em nossa poesia francesa que é a única que eu tenho cultivado, esse esforço consiste principalmente em jogar fora o julgo da rima; e eu fiz, com essa visão, alguns trabalhos preparatórios dos quais eu irei vos poupar os detalhes. Meu desejo em escrever-vos esta carta não é simplesmente dialogar sobre poesia, mesmo porque esse assunto vos é muito mais familiar do que a mim. A Europa deve antes receber lições suas,

do que pretender dar-vos alguma através de qualquer poeta, não importa qual seja. Antes de chegar a este importante assunto, que fez com que eu levantasse minha pena para escrever-vos, é necessário primeiro apontar as razões que me levaram a fazer isto. A que eu apresentarei agora é a menos importante. Irei vos explicar mais a frente as razões mais poderosas e decisivas.

Os trabalhos dos quais vos falei há pouco, meu Lord, e que tentaram dar à poesia Francesa uma forma de versificação já adotada por poetas de outras nações européias, prin-



cipalmente pelos ingleses, quando apresentados ao Instituto da França, não obtiveram sucesso. Por causa de minhas primeiras tentativas, a Academia Francesa, que havia oferecido um prêmio para a questão de se a língua francesa é ou não suscetível de receber versos não rimados, julgou que não havia um só francês capaz de resolvê-la. Para a surpresa geral do mundo poético, eles deram o prêmio a um certo italiano, talvez Corsican, pois eu esqueci o nome correto. Este italiano teve o enorme prazer de vir de Nápoles a Paris, no propósito de nos informar, para a eterna vergonha de nossos gramáticos, que nossa língua tinha falta de prosódia rítmica e que estava condenada por sua monotonia nata a possuir apenas versos rimados.

Por causa da afronta que recebi, posso apenas dizer como francês ou poeta, que estou verdadeiramente chocado com esse decreto; e me permito duvidar da infalibilidade de um tribunal que, em uma questão inteiramente francesa, em que apenas um francês poderia decidir, deliberadamente deu o prêmio a um italiano. Seja como

for, percebi que era necessário renunciar por enquanto ao projeto – talvez precipitadamente – que já tinha elaborado; e abandonar a poesia e aguardar o apelo que eu acredito que fatalmente será impetrado contra o julgamento do Instituto da França, ao mais do que duvidoso reporte de um advogado italiano, de que nossa língua nunca terá ritmo prosódico.

Nessa situação, enquanto estava ocupado com esses estudos muito sérios, e principalmente com um comentário sobre uma nova tradução da *Cosmogonia de Moisés* que eu pu-

bliquei há muitos anos atrás, um risco que eu devo considerar como feliz se você puder vos dar alguma atenção, meu Lord, aconteceu de cair em minhas mãos seu poema sobre *Cain*. O assunto, que é necessariamente encontrado nas linhas dos meus presentes trabalhos, me causou um grande impacto, e por sua assinatura me dar a certeza de que ele foi tratado com grandeza, fui levado a lê-lo. Falar do efeito que essa leitura me causou é impossível no momento. Você irá julgar o impacto ao considerar a resolução que foi tomada em conseqüência.

Que o trabalho é uma maravilhosa peça de poesia está totalmente fora de qualquer dúvida. Não conheço nada do mesmo estilo que possa vos ser comparada. Vós sois, meu Lord, um poeta diretamente inspirado e não duvido que desde Homero qualquer um possa ter aspirado a essa prerrogativa. Porém não posso vos aplicar a idéia de Platão, e acredite, de acordo com esse filósofo, que vós podeis, como os poetas que ele cita, produzir por uma inspiração cega, e movido por um certo entusiasmo, dizer coisas de que vós não possuís conhecimento. Sou, portanto, obrigado a tomar seu impressionante poema como expressão de seus sentimentos, e levar a mim mesmo a ver em “*O Dramático Mistério de Cain*”, a declaração de uma doutrina que é injuriosa para vós, perigosa para outros, inadmissível para mim, é que é minha tarefa combatê-la.

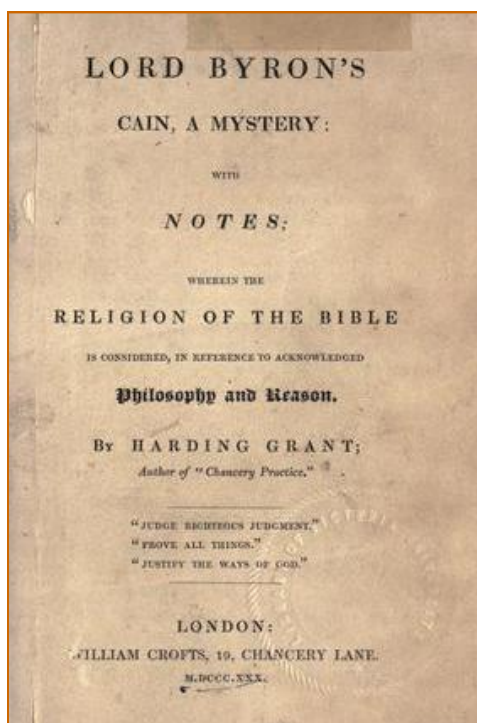
Eu espero que não se sinta de maneira nenhuma ofendido. Se vosso poema não fosse uma das mais extraordinárias produções de nosso século, mesmo se fosse memorável

apenas no meio literário, eu não teria me preocupado com ele. Vós produzistes outras obras que contêm, como eu disse, belezas de primeira ordem, e eu não estou surpreso. Vós podeis apenas pôr para fora aquilo que já existe dentro de vós – uma verdadeira beleza e uma poesia muito forte. Alguns o acusam de descrever muito fortemente as paixões turbulentas que assolam o coração dos homens, e as horríveis calamidades que afligem a natureza. Estas coisas são desafortunadamente muito comuns. A escolhas que fizestes dependeram de vós mesmo, e não vejo com vos imputar qualquer falta.

**Não há serpente, ou qualquer monstro odioso
Que, pela arte da imitação, não possa ser agradável aos olhos.**

Porém, é dito, que o quadro que pintais com muita veracidade dos vícios e das terríveis catástrofes da vida humana, oferecem um espetáculo, afetam a imaginação fraca, as perturbam e tendem a leva-las a se descamiñar. Eu não acredito nisto. Desde que essas coisas estão na natureza, é bom que os homens as conheçam, seja para sufocar as causas

em si mesmo, seja para evitar os efeitos nos outros. Não é para assustar marinheiros ou para fazer com que amem naufrágios que alguém mapeia os recifes que cercam os mares, ou descreve as tempestades que agitam as águas; mas sim para iluminar sua inexperiência, para vos prevenir contra a falsa segurança e educa-los a prever ou suplantar os obstáculos marítimos. Portanto, creio que é útil quando alguém descreve as irregularidades de Don Juan de Sardanapalus, ou as admiráveis ações de Sócrates ou Tito. Se tivesse aplicado vossa poesia apenas para descre-



ver indivíduos humanos, de qualquer natureza que possam ser, não tenha dúvida que admiraria vosso talento desde o momento em que viesse ao meu conhecimento, e, considerando vossos trabalhos como um todo estranho às minhas ocupações, eu não me teria aplicado a traduzi-las para poder combatê-las. Além disso, se ninguém viesse me dizer, como fizeram dezenas de vezes, que vós sois acreditado por ser inspirado por Satã, por causa da força e da veracidade que pões na retratação de personagens infernais e trabalhos satânicos, eu teria sorrido a elogio tão extraordinário; porém não devo considerar um elogio uma acusação que é tão estranha como ridícula.

Vós podeis me perguntar então, porque pus tanta urgência em traduzir seu *Mistério de Cain* e tanta importância em refutá-lo. Eis o motivo, meu Lord: é porque o que vós postes em cena não são indivíduos humanos, mas sim princípios cosmogônicos, nem expôs ações particulares ou mudanças de opinião, mas sim travestidos atos universais e dogmas universais. Vós não tirastes de uma história real os atos vívidos que contastes, e da qual tirastes as mais indubitáveis deduções, mas sim de um livro sagrado, o texto original que é desconhecido para vós, e que vós não entendeis. Eu peço que não vos escandalizeis com o que acabei de dizer, para, como Boileau disse uma vez divertidamente, "*Qu'on peut être honnête homme et mal faire les vers*" (que nós podemos ser honestos e fazer maus versos), eu digo com mais propriedade, e sem a menor cerimônia, que não apenas alguém não pode fazer boa poesia, mas ninguém conseguirá ser o maior poeta do mundo nem o mais digno dos homens se não souber hebraico.

E pode ser possível, meu Lord, que o curso dos seus estudos nunca vos tenha levado a se interessar por esse tema, ou mesmo que o tema tenha se apresentado para vós, o deixaste de lado para se ocupar com outras coisas ou idéias.

Os fatos sobre o seu "*Cain, um Mistério em Três Atos*", são, com sem dúvida acreditais, contidos nos primeiros capítulos de um livro sagrado chamado Bíblia. Porém, o verdadeiro título da Bíblia, que significa o *Livro* em grego, e que certamente indica sua origem grega, anuncia que esta é apenas uma versão de um trabalho muito mais antigo; que é do profeta dos hebreus, Moisés, e que contém a cosmogonia deste célebre homem, e sua doutrina sagrada. Hoje em dia o trabalho de Moisés existe em sua forma original, está escrito em hebraico sob o título de *Sepher*, e em seus primeiros capítulos encontramos os atos cosmogônicos que vós, juntamente com os tradutores gregos, retiraram os fatos históricos, tomando do original o nome *Bereshith* e o traduzindo para *Gênesis*.

Porém, se existe um original da Bíblia, chamado *Sepher*, como parece haver, é evidente que o original deve ter uma autoridade maior que a cópia. Antes de tomarmos como um fato que alguma coisa foi dita por Moisés ou se encontra no livro sagrado dos hebreus e, sobretudo, antes de tirar disto conseqüências tão formidáveis como as que tirastes, precisa ser provado não apenas que estas coisas estão realmente na Bíblia, mas também que estejam no *Sepher*, quer dizer, no texto original do qual a Bíblia é apenas uma versão. É verdade que para incumbir-se desta tarefa é necessário compreender hebraico – o hebraico original, como Moisés o compreendia, - não o hebraico da escola, que é apenas um apógrafo da versão grega, desde que todos os dicionários hebraicos que possuímos são baseados nessa versão. Considere, meu Lord, que, como a versão grega do *Sepher* tem servido como padrão para dar um significado a todas as palavras hebraicas que entram na composição desde livro sagrado, os léxicos hebraicos não nos dão, seja em grego ou latim, outros significados que não os mesmos dados por esta versão. Portanto, para compreender o hebraico das escolas basta apenas conhecer a versão grega, e saber a versão

grega é saber o hebraico das escolas, isto que dizer que, o hebraico destas escolas pode ser muito diferente do hebraico de Moisés, e de fato é. Isto é um círculo vicioso do qual é difícil escapar.

Os sábios que se ocuparam com a matéria ficaram muito consternados porque perceberam que a língua hebraica, em que Moisés escreveu, alterada pelas sucessivas revoluções pelas quais o povo hebreu passou nos últimos milênios, ficou irrevogavelmente perdida durante o cativeiro babilônico. Portanto, ela já não existia, quando quatrocentos anos depois, o rei do Egito, Ptolomeu, filho de Lagos, ergueu em Alexandria aquela soberba biblioteca que confiou aos cuidados de Demétrio de Falero. Concebendo o plano de enriquecer esse monumento com toda a mais preciosa literatura de todos os povos, ele ordenou a tradução para o grego do *Sepher* de Moisés, um exemplar que havia recebido do soberano pontífice Eleazar. A dificuldade em encontrar judeus na Alexandria que pudessem entender a língua perdida há tanto tempo não foi a única barreira que se opôs aos planos do rei. Os essênios, de quem Demétrio fazia parte, os únicos em posição de responder a seu chamado, encontraram em seu credo um obstáculo insuperável. Eles não poderiam, sem cometer um crime, violar o mistério do livro sagrado. Uma temida tradição ameaçava com a cólera divina aquele que tentasse explicar o texto à estranhos. Pressionado entre as leis religiosas que proibiam a comunicação dos mistérios divinos e a autoridade do príncipe que os ordenara a tradução do texto, parece que esses sectários tomaram um atitude inteligente. Possuidores da tradição oral preservada desde Moisés, eles sabiam que o texto do *Sepher* fora construído de uma maneira que apresentasse, no *Bereshit*, três significados perfeitamente distintos, ainda que estreitamente unidos: o primeiro correto, o segundo figurativo, o terceiro hieroglífico. Sob esta tripla relação, o livro sagrado foi comparado

por eles ao universo e ao homem, e foi composto igualmente de Corpo, Alma e Espírito. Pelo corpo do livro eles entenderam o sentido grosseiro e material; pelo espírito e pela alma, o sentido espiritual e misterioso, perdido para o vulgo. Dando o que eles chamaram o corpo do *Sepher*, obedeceram à autoridade civil, e velando o espírito, obedeceram à sua consciência. Fizeram portanto uma versão que não era, nem totalmente exata, nem completamente inexata. Das três partes da mesma coisa, deram uma, que servia para cobrir as outras duas, e que não comprometia os segredos que juraram guardar inviolavelmente.

O que tenho tentado explicar de uma maneira concisa, expliquei com grandes detalhes em minha obra publicada há seis anos atrás, intitulada *A língua hebraica reconstituída*, que ainda possui uns quinhentos exemplares circulando pelo mundo dos sábios. Isto é suficiente para mostrar que um trabalho desta natureza é reconhecido e apreciado. É de onde retirei as provas de que acabei de vos falar; e de onde mostrei, escorado por uma certa erudição e de algum conhecimento das línguas do Oriente, “que a língua hebraica, mesmo que atualmente corrompida por um povo rude e retirada de seu original estado intelectual, deixando seus aspectos mais materiais, foi inteiramente perdida depois do cativeiro da Babilônia”. É um fato histórico que é impossível duvidar, mesmo pelos mais cépticos. A Bíblia mostra isto, o *Talmud* o afirma; é o sentimento dos mais famosos rabinos; Walton, autor do *Prolegomena* como o maior poliglota de Londres, não o nega; o melhor crítico que já escreveu sobre esta matéria, Richard Simon, nunca cansa de repetir isto. Desde que minha intenção, meu Lord, não é exauri-lo com esse tipo de erudição, eu irei recomendar essas leituras para vós, se julgais que deveis verificar minhas citações.

Agora que esse fato de suma importância ficou estabelecido, e que é há muito tempo

conhecido pelos sábios de vários cultos, Israelitas, Cristãos e mesmo os Muçulmanos, como se pode duvidar de que, como muitos entre eles não se incumbiram de restaurar a língua hebraica, como poderiam compreender os mistérios do livro sagrado? Este livro não é venerado apenas porque serve como base aos três mais poderosos cultos da Terra, mas é também respeitado por sua antigüidade. É certo que muitos fizeram, em diversas épocas e entre diferentes nações, grandes esforços para chegarem a seu conhecimento último. Os sábios israelitas e os muçulmanos dos frutíferos séculos dos califas Al-Rashid, Al-Mamoun e Al-Mansor, estão, sem dúvida, entre os primeiros a alcançarem sucesso; porém seu sucesso permanece ainda totalmente desconhecido e circunscrito a si mesmos, devido ao preconceito de seus cultos que proibem-nos de divulgar a verdade. Muitos, todavia, fazem uso do seu conhecimento para dar impulso à ciência e conhecimentos à mente humana. Este foi o caso, entre os muçulmanos, do célebre Aben-Roshi, conhecido como Averrois, que, ao traduzir os trabalhos de Aristóteles para o árabe pela primeira vez, e ao comentar a filosofia grega, mudou a face da Europa. No meio da escuridão que a cobriu, ele lançou uma luz que, aumentando gradualmente, devolvendo todo o brilho das ciências que a ferocidade dos bárbaros tinha extinguido, e toda a beleza das artes que suas destrutivas espadas tinham aniquilado. Os israelitas cultos sempre se satisfizeram em velar suas doutrinas em livros obscuros que chamaram "cabalistas", de acordo com uma certa tradição oral chamada *Kabala* em seu idioma. Como eu disse falando dos essênios, a tradição oral remonta até Moisés, e esses israelitas se dizem possuidores dessa tradição. Entre aqueles que fizeram desta *Kabala* algo mais útil à ciência, podem ser citados, entre os antigos, Hilel, o mais ilustre dos editores do texto sagrado depois de Esdras; e entre os modernos, Maimonides e sobre todos, Espinosa.

Este último, que não é tão bem conhecido e

que é grandemente desfigurado por seus intérpretes, é certamente, dos sábios modernos, aquela que mais contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento. Ele ocasionou violentos choques de opiniões entre seus adversários e mesmo entre seus seguidores. O homem que o acusou de materialismo e ateísmo não entendeu nada do significado desses dois termos. Espinosa é o mais ardoroso unitarista que já apareceu na face da terra. Os axiomas que nos deu sobre a unidade universal ainda não foram sobrepujados.

Vós, meu Lord, pelo que eu pude ver em vosso *Cain*, o único trabalho seu que conheço, é um poderoso dualista, que dizer, um promotor dos dois princípios. Tem sido dito que és um ateísta, mas isso seria a mais absurda contradição. Vós sois talvez mais religioso que a maior parte daqueles que o acusam de ateísmo, sem terem a força para compreender a profundidade de vosso sistema. O único ponto em que errais, para mim, é na confusão que tens feito dos dois princípios que admitis. Porém teremos tempo para discutir isso nos comentários que farei a seguir.

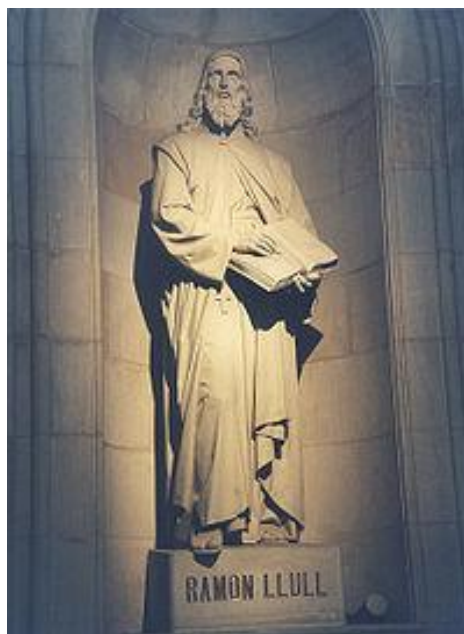
Eu disse que os sábios israelitas e muçulmanos eram ensinados de que a verdadeira língua hebraica, fora, durante o lapso de tempo decorrente entre a missão de Moisés e o cativo na Babilônia, inteiramente perdida durante este cativo; e que estes fizeram inúmeros esforços para recuperá-la, e penetrar nos significados ocultos nos sagrados mistérios do *Sepher* - esforços que, para muitos deles, foram coroados de sucesso. A língua caldeia, siríaca e árabe que possuíam vos facilitaram esta tarefa em relação aos cristãos europeus. Entre os cristãos da Ásia, e especialmente entre aqueles da África que estavam estabelecidos no Egito, se encontravam muitos que levaram a mesma vantagem. Mas as luzes que eles tentaram difundir foram rapidamente extinguidas pelas calamidades fatais que se abateram sobre o Império Romano: a corrupção que grassava em suas ainda pobremente estabelecidas fundações e a irrupção

dos bárbaros que lançaram suas estruturas políticas ao chão.

Os cristãos europeus aderiram ao fanatismo intolerante e selvagem dos Godos, pelo qual os judeus são muito culpados, sendo privados de discernimento e reflexão. Eles se recusaram a reconhecer como cristãos aqueles que, no concílio de Nicéia, admitiram como fizeram, os dogmas do cristianismo, e aqueles que, na escola de Alexandria que foi erguida como um santuário, tinham criado todos os seus ritos. Trataram como heréticos todos aqueles que clamavam qualquer conhecimento naqueles anos de escuridão nos reinos dos vândalos e francos, e deram o nome de gnósticos ou sábios aqueles que não conseguiam compreender. No tempo em que o célebre Hypatia foi massacrado nas ruas de Alexandria, os livros de Orígenes eram anatematizados; e nem foi lembrado que para seu mestre Ammonius Saccus é devido o admirável rito da missa católica, que Lutero condenou porque não tinha condições de penetrar em sua admirável beleza.

Desde a época de Lutero, que teve sucesso em consolidar no cristianismo uma reforma já tola e existente, não vejo que a língua hebraica tenha sido compreendida, em sua genialidade interior, por nenhum cristão de renome, - talvez apenas por Raymond Lully, que, impressionado pelas vantagens que poderiam ser obtidas pela compreensão do livro sagrado, realizou incansáveis esforços para conseguir que o hebraico fosse estudado nas universidades, juntamente com o árabe e outras línguas orientais. Antes dele, quer dizer, antes da metade do século treze, ninguém dificilmente conseguiu realizar esse

intento, não obstante os trabalhos executados por São Jerônimo no fim do século quatro, onde se poderia utilizar a língua hebraica para retirar alguma ajuda para o avanço da religião cristã. As centenas de anos de obscurantismo que cobriram a Europa estão agora dando lugar a um ainda fraco amanhecer. Ainda que alguém possa utilizar a *Vulgata*, a Bíblia Grega ainda continua a autoridade máxima. Tudo se deve a esta cópia incorreta; ela é consultada com o mesmo respeito religioso que se deve ao original; e mesmo na época de Santo Agostinho, que afirmou isto expressamente, ninguém sabia realmente que o seu original existia.



Quando, devido aos esforços de Raymond Lullio a existência desse original foi novamente notada, o preconceito contra ele era tão grande, que o Cardeal Ximenes, que imprimiu em 1515 uma versão poliglota (hebraico, grego e latim, comparou-as a Jesus Cristo entre os dois ladrões, sendo a versão hebraica a do mau ladrão. Três séculos depois, no momento da aparição de Lutero, o traba-

lho original do profeta dos hebreus foi finalmente tratado por um príncipe da igreja).

Apesar de todas as dificuldades que Lutero teve para compreender o hebraico, este chefe da Reforma nunca a compreendeu; e isto por causa da violência de seu caráter, que o levava a sempre dividir e destruir, nunca tendo calma suficiente para levá-lo a penetrar nos mistérios, ou edificar qualquer verdade. Ele rejeitou vários mistérios do cristianismo sobre o pretexto de que não os entendia e, portanto, eram repugnantes à razão. Se ele tivesse se atrevido a seguir seu primeiro impulso, que seu caráter audacioso o fez incumbir-se, provavelmente teria rejeitado, um

após o outro, todos os mistérios que não compreendesse, como Erasmo e Bayle maliciosamente observaram. Bayle dizia em seu estilo cáustico e conciso, que é inconsistente com a razão humana rejeitar duas coisas entre dez ou doze, quando se demonstra que todas elas são igualmente incompreensíveis; e que é necessário rejeitar todas as doze se alguém perde a fé, ou admitir todas se não a perdeu. Fé, de fato, não é uma coisa que se admite mais ou menos, como quente ou calor.

Porém Lutero, como vós bem sabeis, meu Lord, se orgulhava de ser o mais consistente dos homens. Ele tinha isto em comum com Calvino, porém ele era melhor e mais tolerante do que seu discípulo. Todavia este grande inovador, que rejeitou com audácia a autoridade do soberano pontífice, a quem ele conheceu como membro do corpo eclesiástico; que liberou os monges, seus colegas, de seus juramentos, de forma a liberar-se também deles; que aboliu por sua exclusiva autoridade o sacrifício da missa; que rejeitou o dogma da presença real no sacramento da Eucaristia; que disse que todas estas coisas eram contrárias à justiça e à razão, admitiu uma série de outras que esta mesma justiça e esta mesma razão teriam fortemente contestado e pelo qual é necessário ter fé. Porém desde que ele negou a autoridade da igreja, e desde que ignorou seu chefe supremo, quem poderá ser o regulador desta fé? A quem deverá ser dado? A quem deverá ser negada? Não é de se temer que possa ser colocada onde não deveria ser colocada e que não seja colocada onde deveria ser? Lutero, de forma a desembaraçar-se destes problemas, criou seu axioma fundamental: "que a Escritura por si só deve ser a



reguladora da fé; e que todo homem são e racional, de mente justa, pode ser seu legítimo interprete depois de se colocar em condições propícias pelo estudo, ou quando Deus lhe granjear com o dom da inteligência".

Muito bem. Vós fostes, meu Lord, crescido em meio à religião reformada, e eu também. Ambos pupilos desta doutrina, podemos entender um ao outro perfeitamente; e se eu não tivesse nada com o que reprová-lo como herético, vós não teríeis do que ter receio de minha ortodoxia.

Agora vejamos. Vós escolhestes do *Sepher* de Moisés, que Lutero chamava a Escritura, um texto; e o parafra-seou em um poema, admirável do ponto de vista da poesia, porém do ponto de vista das induções que tirastes dele, errôneo até o mais alto grau. Entenda bem o que irei vos dizer, meu Lord: vós sois poderoso o suficiente em sua inteligência e gênio para permitir-me dizer-vos a verdade. Venho tentando torna-la aceitável para vós, não a repudie na primeira palavra; espera para ler tudo o que tenho a dizer, então decidis. Traduzi vossas mil e oitocentas linhas com animação em quinze dias, e as achei sempre maravilhosas, mesmo que, na maior parte das vezes, em contradição com meus sentimentos mais íntimos e queridos. Tenhais um pouco de indulgência com minha prosa e doe quinze minutos para sua análise.

Eis o texto sobre o qual seu poema está suportado. Em escolhê-lo como epígrafe vós tivestes muito trabalho em tornar inteligível a idéia que embelezastes. Seu trabalho é muito bonito, ainda que construído sobre uma fun-

dação totalmente falsa. O que poderia ter sido se vós a tivestes erguido sobre uma fundação verdadeira!

Agora, a serpente era mais astuta que qualquer fera do campo que o Senhor Deus tinha feito. Gênesis III (No original do texto em inglês. Na versão da Bíblia de Jerusalém, em português, o texto é: "A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que lahweh Deus tinha feito").

Esta, se não me engano, é uma tradução da Bíblia do Rei Jaime, impressa sobre a ordem expressa do monarca, e que deve ser lida em todas as igrejas. De acordo com a doutrina de Lutero, que é a vossa e a minha, vós sois um interprete natural da Escritura naquilo que vos concerne, desde que vos considero possuir um entendimento correto e uma mente justa. Porém vós estais certo de que isto é a Escritura, e vós não se preocupa em tomar como regra de vossa fé aquilo que não é a Escritura? Tinha Lutero, falando da escritura, dito da escritura dos helenistas, daquela de São Jerônimo, da sua própria ou de Calvino? Claro que não, mas da verdadeira Escritura, da Escritura de Moisés; em uma palavra, de seu *Sepher*. Agora vós sabeis se a versão inglesa que usais traz o significado correto? Se sim, eu concordo com vós que tudo que dizeis é justo, que todas as conseqüências que vós deduzistes são boas; e que vosso poema é, de fato, um enorme mistério. Porém se vossa epígrafe não traz nenhuma palavra do texto hebraico original, se não possui nenhum dos pensamentos de Moisés, o que significa no fim de tudo? Participando de uma noção falsa, vossa clara compreensão e mente justa tendem unicamente a levar-vos cada vez mais longe da verdade; todas vossas induções são ilusórias, e vosso mistério é unicamente um tolo fantasma que o sopro da verdade dissolverá em fumaça.

Vós não sois o único, meu Lord, que a errônea tradução do primeiro capítulo do Gênese

(*Baereshit*) levou a tristes resultados. Nos primeiros séculos do Cristianismo, os homens que foram atraídos pelo brilho desses ritos, e pelas profundezas dos mistérios, eram geralmente sábios, filósofos platônicos, que, cansados da corrupção do politeísmo, e das divagações dos mistérios, vieram ao seio da Divina Unidade, juntar-se à Palavra e a Alma Universal, para se libertarem da multidude de deuses e deusas, semideuses e heróis, quantidade tal que os sufocava. Porém, quase sempre estes homens refeitos dos primeiros deleites aprazíveis causados pela moral do Evangelho, em seus dogmas simples e consoladores; aproveitando-se de uma réstia de luz naqueles dias obscurecidos para fixar as bases do credo que foi apresentado a eles, se apartaram bruscamente dele por causa de sua vaidade. Pessoas como Valentino, Basilius, Marcion, Apelles, Bardesanes e Manés, os mais terríveis adversários que a Bíblia encontrou. Todos trataram como ímpio o autor de um livro no qual o Ser, Deus por excelência, é retratado como o autor do mal; no qual este Ser criou sem plano algum, arbitrariamente, repentinamente, com ódio, e puniu uma inocente posteridade pelo crime de uma queda Ele mesmo preparou. Manés não disse, em sua obra, nada além do que vós mesmos o dissestes em vossa obra. Julgando Moisés de acordo com o livro grego que é dito ser de sua autoria, o poderoso heresiarca presenteou o profeta dos Hebreus como tendo sido inspirado pelo gênio do mal.

E não foram apenas as pessoas que eu nomeei anteriormente, ou seus sectários, condenados como heréticos, que sofreram estas dificuldades. Entre os primeiros padres da igreja, os mais sábios e mesmo os mais ortodoxos foram afligidos pelas mesmas dificuldades. Santo Agostinho concordava que não era possível conservar o significado literal dos três primeiros capítulos do Gênesis sem uma piedade ofensiva e sem atribuir a Deus atos pouco edificantes a Ele. Orígenes declarou que se alguém tomasse a história da criação pelo seu sentido literal, esta seria absur-

da e contraditória. Ele se apiedava da ignorância daqueles que, levados pela letra, e não compreendendo o espírito dos livros sagrados, atribuíam a Deus sentimentos e ações que não poderiam ser atribuídos ao mais injusto e bárbaro dos homens. O sábio Beausobre, em sua "História do Maniqueísmo", e o Padre Petau, em seus "Dogmas Teológicos", listam uma multitude de exemplos similares. O mais intrigante é sem dúvida aquela de São Paulo, que declara em inúmeras passagens que a letra mata, e que o espírito vivifica, e quem, em sua "Segunda Epístola aos Coríntios", declara claramente que Moisés lançou sobre seus escritos um véu que o judeu comum não poderia levantar.

Vós podeis perceber, meu Lord, que o defeito radical do capítulo do qual vós retirastes o texto para o vosso poema, também dificultou outros como vós. Foi sempre para evitar as grandes dificuldades criadas pelas conseqüências que poderiam ser advindas disto, que a igreja Cristã, iluminada pelas tempestades excitadas por Marcion e Manés, tomou a prudente resolução de proibir as pessoas de lerem os livros sagrados. Os protestantes protestaram fortemente contra esta resolução, que consideravam como tirânica, mas não viram, ou não quiseram ver, que esta era a melhor solução a tomar de acordo com o andamento dos fatos. Era melhor deixar certos indivíduos em sua ignorância, do que vos dar, irresponsavelmente, um conhecimento fatal que os iria levar a sua própria destruição ou a destruição de outros indivíduos. Esta interdição, limitada, além disto, às classes inferiores da sociedade então ligadas pela obscuridade, estava longe de ter as mesmas desvantagens da liberdade ilimitada pregada por Lutero. Esta liberdade, como vós conheceis,



produziu uma multidão de sectários estúpidos de repentina e tola presunção, persuadida, em meio à sua estupidez e delírio, de que possuíam suficiente lucidez e compreensão, ou suficiente favorecimento divino para interpretar as Escrituras. Desde que surgiu na Alemanha e na Inglaterra uma multidão de seitas conflitantes entre si, Moravianos, Anabatistas, Puritanos, Quackers, etc., desde o início da Reforma, se alastraram e preencheram a Europa com tribulações e assassinatos.

Teria sido muito melhor, sem sombra de dúvida, se os livros sagrados tivessem sido traduzidos de uma maneira tal que pudessem ser manuseados por todo o mundo, sem nenhuma dúvida quanto a sua interpretação. Mas não poderia ser assim, desde que a língua hebraica se perdeu, e uma defectiva versão veio a existência através dos Essênios, e usurpou o lugar do texto original. Talvez a igreja cristã possa ter reconhecido rapidamente o mal e descoberto uma solução, procurando restaurar em todo seu esplendor o monumento sagrado sobre a qual foi fundada; por meio disto ela certamente se livrou dos distúrbios causados por Wycliff e John Huss, e pode não ter sido destruída pelo cisma de Lutero e Calvino. É apenas uma questão de procurar um sábio que devote a si mesmo em reconstruir o edifício em ruínas que é a língua de Moisés. Esta tarefa é difícil, porém não impossível, desde que muitos homens, entre israelitas, muçulmanos e cristãos, a realizaram para seu próprio uso, e desde que finalmente eu mesmo a realizei, desejoso em conhecer a origem do universo, na época em que meu plano era escrever a história da Terra.

Que tive sucesso nesta tarefa me parece ser sem sombra de dúvida, pelo trabalho que publiquei sobre este assunto e circulou entre um grande número de sábios, durante algum tempo (este trabalho é composto de uma gramática hebraica construída sobre todo um novo princípio; de um vocabulário de raízes gramaticais; e de uma tradução para o Inglês e Francês, dos dez primeiros capítulos do Gênesis, com notas, em que o significado dado a cada palavra é provado pela sua análise radical e é confrontada com as palavras correspondentes nas principais línguas do Oriente – (A Língua Hebraica Restaurada)). Foi depois de haver estabelecido esta base da língua hebraica e enquanto estava ocupada com o comentário para o livro “A cosmogonia de Moisés”, que vosso “Mistério de Cain” caiu em minhas mãos. Eu vos disse, meu Lord, que efeito ele me fez. Determinado por um impulso repentino em interromper minhas sérias ocupações, entrei no campo poético e traduzi sua obra para poder melhor combatê-lo. Permita isto, desde que só vos fará aumentar suas glórias. Esta não é uma questão puramente poética, pois neste campo vós estais acima de qualquer questão. É apenas uma questão das conseqüências que criastes em seguir determinados atos cosmogônicos, que uma versão imperfeita (da qual eu revelei a origem), vos levou a tomar por atos históricos. Vejamos o que estes atos são, leiamos o que Moisés escreveu e não aquilo que os tradutores fizeram com que ele dissesse.

O que Moisés escreveu foi por mim publicado na obra que acabei de citar. Seria muito longo transcrever-la inteiramente; e, além disso, esta transcrição poderia levar-me em explicações que iriam exceder os limites que eu mesmo impus a esta carta. Vamos nos contentar por enquanto com algumas idéias

gerais, das quais eu terei outras ocasiões para retomá-las. Vamos tomar vossa epígrafe separadamente, e ver em que esta cópia difere do original.

A versão em inglês que vós copiastes diz, como vimos: *"Agora, a serpente era mais astuta que qualquer fera do campo que o Senhor Deus tinha feito"*. E o que Moisés realmente disse foi: *"Agora, Nahash (cupidez) era uma paixão insidiosa (princípio obscurecedor) em toda a vida elemental que Yahweh Elohim tinha feito"*.

Podeis ver meu Lord, que no texto não temos nem serpente, nem astuta, nem fera, nem campo. Os tradutores helenistas disseram todas essas coisas por ignorância, ou como eu suspeito, propositadamente. Todo o resto do capítulo está sob suspeita. Depois deste exemplo vós podeis julgar o singular contraste que este apresenta. Estes tradutores, não desejando retirar o véu que Moisés lançou sobre a origem do mal, por medo de incorrerem no anátema que era imposto sobre aqueles que traíam este terrível mistério, trataram de escondê-lo o mais que puderam. Para eles, Nahash, cupidez, se tornou a "serpente", uma insidiosa paixão, um princípio obscurecedor, se tornou "uma astuta", e a vida elemental foi transformada em uma "fera", e finalmente, a natureza não era mais do que um "campo". O que vós pensais desta transformação. Vós entendeis agora o efeito singular que seu poema teve sobre mim?

Uma vez que o legislador dos hebreus, tomado pela graça divina, se elevou a alturas incensuráveis; uma vez que ele desenvolveu e realizou os princípios da lei universal em sua origem universal; uma vez que ele representou suas modificações e particularizações, vós, seguindo os passos de tradutores maliciosos, vistes em seres cosmogônicos, homens e mulheres; e na modificação desses seres, fatos históricos, de onde tirastes conseqüências rigorosamente verdadeiras para vós, porém inteiramente falaciosas.

Vejamos primeiro as características que vós destes a vossos personagens.

Em seu drama, Adão é um bom homem que se deixa governar por sua mulher, e que sempre faz tudo o que ela pede, acreditando que está unicamente seguindo sua própria vontade. Eva é uma mulher, passional, esperta, porém violenta e vingativa, reinando sobre seu marido a quem está subjugada, e a quem finge se submeter, apesar de sempre temer de ser realmente dominada por ele algum dia.

Cain é um homem de caráter violento, apaixonado porém generoso; capaz de grandes virtudes como de grandes crimes de acordo com o que é movido; indomável em sua vontade, porém suscetível de ser influenciado. É famoso por sua grande força, que usa tanto para o bem como para o mal.

Seu irmão Abel se tornou, sob sua pena, um homem fraco, de caráter gentil, inclinado para o bem, porém sem energia para manifestá-lo.

Adah e Zilah são personagens insignificantes. Existe entretanto em Adah, traços bruscos de uma maravilhosa personagem feminina.

Adão, em sua essência universal, não pode ser explicado sem uma prévia instrução; pois a civilização européia não está ainda tão avançada como a da Ásia e África estava antes de Moisés, não adquirindo ainda a mesmas idéias universais, perdendo, como consequência, os termos de expressá-las. Estes termos só podem ser formados conforme as idéias vão se formando. Poderá ser encontrado nos Comentários (os comentários estão em anexo após o texto da obra) que eu preparei, todos os dados necessários para alcançar este propósito. Adão é aquilo que eu chamei de *Reino Hominal*, que tem sido incorretamente chamado de *Raça Humana*; ele é um *homem*, concebido abstratamente: quer dizer, a massa genérica de todos os homens

que compõe, compuseram ou irão compor a *humanidade*; que gozam, gozaram ou irão gozar a *vida humana*. Esta massa, concebida portanto como um único ser, vive a correta vida universal que é particularizada e refletida em indivíduos de ambos os sexos. Considerado sobre esta última assertiva, Adão é tanto macho como fêmea.

Seja Adão concebido em sua essência universal ou particular, Eva é sempre sua faculdade criativa, sua força eficiente, sua própria vontade, pelo meio da qual ele manifesta a si mesmo exteriormente. No princípio de sua existência universal, Eva não se distinguia da faculdade criativa universal da qual Adão emanou. Foi após o momento de sua distinção que Adão se tornou um ser livre e independente, e que ele pode exercitar exteriormente, de acordo com sua própria vontade, sua eficiência e sua força criativa. Foi sempre através de Eva que Adão foi modificado, seja em bondade ou maldade. Eva vos fez tudo dentro dele e sem a sua ajuda.

Cain e Abel são as duas forças primordiais da natureza elemental. São os dois primeiros seres cosmogônicos produzidos por Eva, quando depois de um certo movimento em direção à natureza elemental, ela perdeu seu nome de *Aisha*, que designava a natureza intelectual de Adão, para tomar o de Eva, que expressa não mais do que a vida material desse ser universal. É nesta vida material que Cain e Abel nasceram e que seus princípios, que estavam incubados desde a origem de tudo, passaram à ação para produzir tudo o que no futuro constituiria a vida. Cain pode ser concebido como a ação da força compressiva, e Abel como a força expansiva. Estas duas ações, aspectos da mesma fonte, são hostis desde o momento de seu nascimento na natureza. Elas atuam incessantemente uma sobre a outra, e procuram reciprocamente se dominar, e reduzir-se a sua própria natureza. A ação compressiva, mais energética que a expansiva, sempre é dominante no início; e preponderante, compacta a substância

universal sobre a qual age, dando existência às formas materiais que não existiam anteriormente.

Ao personificar estas duas ações sob os nomes de Cain e Abel, e considerando estes dois seres elementais como irmãos, alguém poderia facilmente ver um assassinato no que era uma ação cosmogônica de destruição momentânea, e poeticamente chamar de fratricídio esta destruição, uma ação de um sobre o outro. Então graças a tradução grega, ela foi transformada em uma ação histórica e positiva, em um assassinato, em um crime execrável, em um fratricídio, uma ação cosmogônica que começou na origem na vida elemental, que ainda persiste, e que irá persistir até que esta vida de lugar à outra.

Veja, meu Lord, que os lindos versos que fizestes sob o pretenso fratricídio de Cain são completamente inúteis, ao menos nas conseqüências que vós gostaria de inferir para nós. A fatalidade de nosso destino não depende mais do fratricídio de Cain do que do fato de que, quando o fogo reduz os corpos em vapor, estes vapores, condensados sob uma certa ação elemental, caem novamente como água, extinguindo o fogo que vos deu nascimento. Esta ação cosmogônica, que pode ser considerada poeticamente como um fratricídio permanente se os dois elementos fogo e água forem considerados irmãos, pode também ser considerado um parricídio, se alguém é levado, por alguma alegoria mítica ou por uma má interpretação de alguma antiga cosmogonia, a encarar os dois elementos como filhos um do outro. Isto foi o que precisamente ocorreu com muitas antigas nações, e particularmente com os Gregos e Romanos, que puseram o parricídio no



topo de suas cosmogonias, da mesma maneira e pelas mesmas razões que nós a colocamos como um fratricídio.

Como Moisés não nomeou as esposas de Cain e Abel, a quem vós chamastes de Adah e Zillah, não tenho comentários a fazer, além de que ele pode ter considerado-as como faculdades plásticas que atribuiu aos seres cosmogônicos. Este é o caminho consistente que este escritor hieroglífico seguiu na explanação de sua doutrina. Expliquei em meu livro "A Língua Hebraica Reconstituída", o que pode ser entendido por Adah e Zilah, esposas de Lamech, e do nome Lamech também.

Irei retornar a essas personagens cosmogônicas no comentário que seguirá este trabalho.

Como Lúcifer, principal personagem de seu Mistério dramático: este Lúcifer, cujo nome brilhante deriva de uma frase mal interpretada de Isaías, a quem vós destes, meu Lord, um papel tão importante, um estilo tão grandioso, um poder tão vasto - este Lúcifer, eu digo, não era conhecido de Moisés como um ser distinto e independente. O primeiro escritor hieroglífico

que nos falou deste assunto foi Jó, a quem nomeia Satã, e que o faz aparecer na presença de Yahweh juntamente com outro espírito imortal, chamado *Beni-Elohim*, o filho dos deuses. Moisés também o cita como produção de Yahweh, o Ser dos Seres; porém vos dá o nome de *Nahash*, que caracteriza bem o profundo e íntimo sentimento que se junta ao ser em sua existência individual, e que o faz ardentemente desejar conservá-la ou estendê-la. Este nome, que eu substituí pela palavra "Cupidez" (atração original), foi lamentavelmente traduzida na versão grega como "Serpente", porém nunca teve este

significado mesmo na linguagem vulgar. O hebraico tem duas ou três palavras, totalmente diferentes, para designar uma serpente. *Nahash* é ao contrário, se posso expressar, aquele egoísmo radical que leva o ser a fazer um centro de si mesmo, e de querer tudo para si. Moisés diz que este sentimento é a paixão cega da animalidade elemental, a fonte secreta ou fermento que Deus deu a natureza. É muito interessante que o nome usado aqui pelo escritor hieroglífico para designar esta paixão, esta fonte, este fermento, seja *Harym*, o mesmo nome que Zoroastro utilizou entre o Persas para designar o gênio do mal. Este nome caracteriza, aproximadamente em todos os idiomas do Oriente, tudo o que é central, oculto, misterioso, velado, obscuro. Portanto, de acordo com o espírito do *Sepher* e da verdadeira doutrina de Moisés, *Nahash harym* não pode ser um ser distinto e independente, como vós descrevestes Lúcifer, seguindo o sistema que Manés emprestou dos Caldeus e Persas; mas de fato uma motivação central dada à matéria, uma fonte oculta, um fermento, agindo na profundidade das coisas, que Deus colocou na natureza corporificada para elaborar seus elementos.

Nós iremos retornar novamente a este importante assunto no curso dos comentários que me proponho fazer sobre as mais impressionantes passagens de vosso poema. É suficiente para mim ter primeiramente provado nesta carta que o assunto da obra "Mistério de Cain", da maneira que vós apresentastes em seu drama, não se encontra na obra de Moisés; e que este assunto, por não ter fundamento, é falaciosa em sua forma, porque todos os personagens existentes são fantasiosos e inverídicos. Portanto, desde que os fatos que vós apresentastes como positivos são ilusórios e estão ligados, não a ações humanas mas a ações cosmogônicas, as conseqüências que vós assumistes por dedução são absolutamente hipotéticas, e se dissolvem no ar, como eu havia afirmado.

Já dizemos o suficiente sobre a parte física do vosso "Mistério de Cain". Sobre a parte moral, devo dar minha opinião em uma breve reflexão; e espero, meu Lord, que não vos sintais de maneira nenhuma ofendido por me ver atacando princípios que acredito serem subversivos à sociedade: princípios que sem sombra de dúvida vós permitistes surgir com pesar, em cada momento quando fostes forçado pelas inevitáveis conseqüências de vosso raciocínio.

Tudo isto, entretanto, não tira a beleza poética de vossa obra. Apenas lamento que seu talento admirável não tenha sido exercitado com uma mais profunda compreensão do assunto que tratastes. Que coisas maravilhosas poderiam ter sido ditas! Que imagens sublimes poderiam nos ter sido apresentadas, se em vez de mostrar Cain e Lúcifer sempre em conluio, vós tivesses oposto as tolas declamações de ambos às magníficas expressões do Ser, possuidor de toda verdade, que teria expressado argumentos irresistíveis. Vós éreis capaz de tê-lo feito; julgo isto pela incrível força que utilizou para fazer o erro triunfar. Ele triunfa em vossos versos, este terrível inimigo da verdade; pois estremeci mais de uma vez ao traduzir vossos versos. Todavia, mesmo comovido, mesmo horrorizado, nunca menosprezei vosso talento. Mesmo sem vosso talento, sem dúvida, eu senti um certo orgulho em não manter muito aquém meu modelo, em mostrar para aqueles que possam ler-me com imparcialidade que a língua francesa continua no mesmo nível da inglesa, como para testemunhar-vos enquanto vos combato, a grande estima que tenho por meu adversário.

Ficarei extremamente lisonjeado, meu Lord, se julgeis merecedor disto, em receber a garantia dos mais distintos sentimentos de que tenho a honra de ser,

Seu mais humilde servo,

Fabre D'Olivet

Contos Espirituais

A Mão de Deus

Um homem saiu em uma viagem de avião, era fervoroso de Deus e sabia que Ele o protegeria durante o percurso.

Quando voavam sobre o mar, um dos motores falhou e o avião se precipitou no oceano.

Quase todos os passageiros morreram, mas o homem conseguiu agarrar-se a alguma coisa que o conservava acima da água. Ficou boiando à deriva muito tempo, até que chegou a uma ilha deserta.

Ao chegar a praia, cansado, porém vivo, agradeceu a Deus por este livramento maravilhoso da morte.

Ele conseguiu alimentar-se de peixes e ervas, conseguiu derrubar algumas árvores e com muito esforço construir uma pequena cabana, não era bem uma casa, mas um abrigo tosco, de paus e folhas, porém significava proteção. Ficou todo satisfeito e novamente agradeceu a Deus, porque agora podia dormir sem medo dos animais selvagens que talvez pudessem existir na ilha .

Um dia, estava pescando e tinha apanhado muitos peixes, assim, com comida suficiente estava feliz, e ao voltar para sua casa, qual

tamanha não foi a sua decepção, ao ver ela toda incendiada.

Sentou-se em uma pedra e diz aos prantos:

“Meu Deus, como podes deixar que isto aconteça comigo?

Sabes que preciso muito desta casa, para poder-me abrigar e proteger.

Como podes deixar que ela se queime?

Meu Deus, não tens compaixão de mim?”

Nesse momento uma mão lhe tocou seu ombro e ele ouviu uma voz dizendo:

“Vamos rapaz!”

Ele se virou, e qual não foi sua surpresa quando viu a sua frente um marinheiro todo fardado dizendo:

“Vamos rapaz! Viemos te buscar.”

“Mas como é possível? Como vocês souberam que eu estava aqui?”

“Ora amigo! Vimos os seus sinais de fumaça pedindo socorro e o capitão ordenou vir lhe buscar naquele barco ali adiante.

Todos foram para o barco e assim o homem pode retornar para seu lar e seres queridos.



Publicação da Sociedade das Ciências Antigas

Todos os Direitos Reservados

www.sca.org.br